

FEBRAOO PSI

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

[63]

O TRAUMÁTICO NA PANDEMIA

O que vem na esteira da crise

A Rede Solidária das Sociedades
e Grupos Psicanalíticos

FEBRAPSI e Sociedades do Sul lançam 28º Congresso
Brasileiro de Psicanálise em versão virtual

Érico Veríssimo e Mário Quintana serão
homenageados no Congresso



No início deste ano, fomos surpreendidos por uma pandemia que tem causado em todo mundo muitas perdas. Para nos proteger e proteger a quem amamos, tivemos que nos distanciar das pessoas mais queridas, em um isolamento social que se impôs como necessário. A morte paira no ar. Laços foram ameaçados, alguns desfeitos e outros pela sua força mantiveram-se firmes. Muitas certezas que tínhamos não se sustentam mais, muitas novas dúvidas surgiram trazendo a todos um receio, nos deixando sem perspectiva de futuro e precisando buscar novas respostas. Paramos de sonhar para viver cada dia. Aprendemos novas formas de encontro. Os contatos virtuais passaram a ser banhados de emoções e saudades. Sabemos que muitas mudanças acontecerão dentro de nós e no mundo. Impossível passarmos incólumes por esta experiência.

O perigo da sobrevivência passava também por nossas instituições em função das crises econômica e política que temos vivido e do aumento do dólar em mais de 40%. Preocupada com a repercussão da crise nos psicanalistas, convidei os presidentes das federadas brasileiras para escrevermos uma carta solicitando à IPA um abatimento da anuidade que pagamos. E assim, nós, presidentes, formamos um grupo de trabalho em torno dessa necessidade. O grupo foi estreitando seus laços em função da tarefa e isso foi muito importante quando fomos convidados a ajudar nossa querida FEBRAPSI, no momento em que ela começou a passar por uma crise institucional que nunca tínhamos vivido. Crises não são para sempre e com elas precisamos aprender e temos aprendido muito. Precisamos cuidar mais da nossa casa e dos nossos membros. A FEBRAPSI é muito importante para seus membros e para a comunidade psicanalítica.

Os presidentes, a pedido do então presidente da FEBRAPSI, ouviram a diretoria em exercício, fizeram sugestões, colaboraram pensando em nomes para preencher os primeiros demissionários, mas após nossa indicação mais colegas se demitiram e, então, percebemos que o grupo que elegemos não conseguia seguir com a gestão.

Depois de muitas reuniões, percebemos que precisávamos chamar nova eleição, era necessário que a Assembleia de Delegados fosse convocada para buscarmos juntos uma solução. A Assembleia elegeu uma Diretoria Provisória composta por mim como presidente, Regina Klarmann como diretora da Comissão Científica, Carlos Frausino como diretor do Conselho Profissional e Teresa Lopes como superintendente. Para agilizar o processo, ainda na assembleia elegemos uma comissão eleitoral para iniciarmos a convocação imediata de nova eleição. Aguardamos o encaminhamento das chapas até o dia 05 de julho.

Em nome da Diretoria Provisória, agradeço a confiança em terem lembrado dos nossos nomes neste momento tão difícil pelo qual passa a FEBRAPSI. Faremos tudo para passar à nova gestão uma federada pronta para seguir em frente, com a pujança que sempre teve. Agradecimento especial aos colegas que fazem parte desta diretoria que, com carinho e firmeza, têm cuidado da nossa instituição. Nosso tempo será curto, mas tem sido intenso, de contato diário. Hoje, estamos mergulhados em muito trabalho.

Agradecemos aos colegas da última gestão, que mesmo tendo passado por um processo tão difícil, nos auxiliaram para darmos continuidade ao trabalho. No momento estamos tomando as decisões que são urgentes para o bom funcionamento da nossa entidade.

Aos presidentes das federadas nosso reconhecimento e muito obrigada pelo acolhimento e cuidados em conduzir este processo que já se mostra tão exitoso.

Desejamos à nova diretoria, que brevemente será eleita, todo o sucesso.



Rosa Maria Carvalho Reis

Presidente interina da FEBRAPSI



A pandemia do novo coronavírus que assola o mundo e deixa rastros de catástrofe em nosso país marca a 63ª edição do *Febrapsi Notícias*, pela primeira vez publicado exclusivamente na versão digital. Com as medidas de proteção necessárias para evitar contágio e a quarentena que mantém a maior parte de nossos colegas distantes de seus consultórios físicos, para onde normalmente é enviado nosso jornal impresso, decidiu-se suspender, excepcionalmente, a distribuição em papel.

A escolha do tema “o traumático na pandemia” para a seção de artigos pretende abrir espaços de leitura e representação de um mundo antes ficcional que passou a ser nossa realidade de todo dia. A começar pela obra que compõe a capa, do artista plástico, crítico de música, escritor e jornalista Enio Squeff. *Corredor* é o nome que o gaúcho Enio deu à obra, de 1997, e nos faz pensar na angústia e no excesso transbordante nos dias atuais. Nas palavras do compositor Willy Corrêa de Oliveira para descrevê-la: “uma pintura em que a raiva está pintada; essa raiva contra a doença contagiosa do ocidente”, de um artista “acusando o mundo de seus males”. Nossa agradecimento a Enio Squeff por ceder o uso da imagem e à querida Ceres Tavares, da equipe editorial, pelo empenho em garimpar raridades estéticas.

A reflexão sobre o traumático na pandemia traz também rosto de mulher: as psicanalistas Liana Albernaz de Melo Bastos (SBPRJ), Maria de Fátima Rebouças Malva (SPBsb) e Lenita Osorio Araújo (SPMS) sugerem vértices de pensamento para o trauma psíquico e como o irrepresentável irrompe na vida social do país. Regina Esteves (SPFor) escreve sobre o traumático do cotidiano vivido pela população negra, “à flor da pele”, durante séculos de racismo. Agradecemos às autoras a preciosa contribuição para esse debate.



Cláudia Carneiro

Editora

Nesta edição o leitor acompanhará também os preparativos para o 5º Congresso de Psicanálise em Língua Portuguesa, adiado para 2021 em razão da pandemia, e o 28º Congresso Brasileiro de Psicanálise, previsto para setembro de 2021. E poderá se divertir com Érico Veríssimo, o colega escritor Mário Quintana e amigo psicanalista Mário Martins, que juntos compõem a narrativa do psicanalista filho, Roberto Martins (SBPRJ), sobre laços afetivos em terras gaúchas – uma referência ao tema do Congresso que homenageará os dois escritores.

Também recorro aos laços afetivos construídos no convívio na FEBRAPSI para me despedir desta função, com o sentimento de carinho e de gratidão pelas parcerias e amizades conquistadas: à equipe editorial, aos colaboradores, aos meus colegas diretores e ao Conselho interino. Tempos de experiência compartilhada. Boas-vindas à nova Diretoria!

DEPARTAMENTO DE
PUBICAÇÕES E DIVULGAÇÃO

EDITORA: Cláudia Aparecida Carneiro (SPBsb)

COMISSÃO EDITORIAL: Ceres Leonor Tavares (SPPSP), Eduardo de São Thiago Martins (SBPRJ), Eliane Souto de Abreu (SPFor), Gabriela Pszczol Krebs (SBPRJ) e Helena Lopes Daltro Pontual (SPBsb/SPPSP)

CAPA – IMAGEM: “Corredor”, de Enio Squeff
Óleo sobre tela e madeira, 93 x 73 cm, 1997
CONCEPÇÃO: Ceres Leonor Tavares

DIAGRAMAÇÃO: Licurgo S. Botelho

*Edição distribuída excepcionalmente
em formato digital*

Acesse as redes sociais da Febrapsi | [Facebook](#) | [Youtube](#) | [Twitter](#) | [Instagram](#)

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

Av. Nossa Sra. de Copacabana, 540 / sala 704

RJ – CEP 22.020-001

Tel: 55 21 2235.5922 | e-mail: divulgacao@febrapsi.org

www.febrapsi.org

Sonho Compartilhado

5º Congresso de Psicanálise em Língua Portuguesa é reagendado para abril ou maio de 2021

Wania Maria Coelho Ferreira Cidade

Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro

Nascido na primeira década do século 21, o Congresso de Psicanálise em Língua Portuguesa, herdeiro dos antigos luso-brasileiros, tem um percurso de resistência e luta, pois nem sempre se reconheceu a importância da aproximação da psicanálise com o continente africano, última fronteira a ser rompida para o exercício de nosso ofício. Ainda hoje persistem as ambivalências em relação a esse interesse, lançado por um grupo de psicanalistas por meio do diálogo horizontal – que fundamenta a proposta central dos Congressos – que envolve a transdisciplinaridade, a diversidade, a política, as diferenças étnicas e culturais da África de língua portuguesa, do Brasil e de Portugal.

O interesse inicial, que se movimenta e se amplia até os dias atuais, talvez tenha sido provocado pela investigação e o olhar analíticos sobre as raízes da cultura e os modos de regulação das relações da população brasileira. Esta se funda a partir do tráfico, da eliminação de diversas etnias e idiomas, e da tentativa de domínio e apagamento, bem-sucedida em muitos aspectos, dos corpos negros. Ainda que essa teoria não estivesse explicitada nos primeiros passos da construção do Congresso, ela está presente no inconsciente e nas subjetividades dos que tiveram acesso à ideia.

O desejo de estreitar os laços tem como principal protagonista a *língua portuguesa*, como já foi dito no tema do 3º Congresso de Língua Portuguesa: o mar é a fronteira que nos separa e a língua, a ponte que nos aconchega uns com os outros. O Congresso tem sido o veículo para o encontro e o debate de uma psicanálise inclusiva e radicalmente aberta ao outro, seja ele sujeito ou disciplina.

Assim, o Congresso se propõe a unir representantes de Angola, do Brasil, de Cabo Verde, da Guiné Bissau, de Moçambique, de Portugal, de São Tomé e Príncipe, e um pouco mais além, do Timor-Leste e de Macau, para a difusão do pensamento psicanalítico e para a incorporação de outros saberes que, certamente, aguçam e afinam a escuta psicanalítica.



Salvador sediará Congresso que discutirá escravidão e liberdade

Carlos Gari, Eliana Melo, Luísa Branco Vicente, Ney Marinho e Pedro Gomes conquistaram sonhadores que sonharam seus sonhos, tornando-os seus próprios sonhos. Assim, como sonho compartilhado, viajamos para Rio de Janeiro (Brasil), Moçambique, Portugal, Cabo Verde, e agora, em novembro/2020, estava previsto que iríamos a Salvador (Brasil) para mais um encontro e uma experiência emocional. Contudo, fomos atropelados pelo novo coronavírus que tem nos desafiado a pensar em novas formas de vida e de conexão.

O 5º Congresso de Psicanálise em Língua Portuguesa caminhava a passos largos e já tínhamos data, local, tema, identidade visual (veja imagem nesta página) e inúmeros interessados em participar, apresentando trabalhos. Devido à pandemia, nos vimos sem condições de manter a data, tendo ele sido

transferido para abril ou maio de 2021, a confirmar, pois ainda não sabemos o rumo da história depois do surgimento do coronavírus. No dia 20 ou 21 de novembro, datas antes firmadas para o Congresso, a FEBRAPSI realizará um pré-congresso virtual. A FEBRAPSI divulgará a data tão logo seja confirmada.

A gravura selecionada para a criação da identidade visual do Congresso é do brasileiro pan-africanista Abdias do Nascimento, cuja trajetória de vida está em sintonia com o tema escolhido para o Congresso: ESCRAVIDÃO E LIBERDADE: travessias do corpo e da alma.

A Bahia foi eleita para sediar o 5º Congresso por sua grande tradição cultural e por ser o lugar que abriga o maior número de negros no mundo, fora da África. Em São Francisco do Conde, município próximo de Salvador, existe um campus da Universidade da Lusofonia (Unilab) e estudantes de todos os países africanos de língua portuguesa e do Timor Leste serão estimulados a representar seus países e a participar, de acordo com a nossa intenção. Este é o sonho que nos orientará quanto à democratização da transmissão da psicanálise.

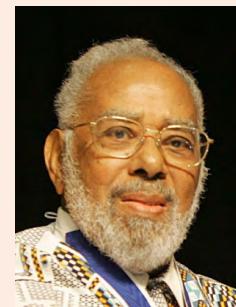


Oxum no seu labirinto, por Abdias

Abdias: intelectual e representante da cultura negra no Brasil e no mundo

A gravura escolhida para a criação da identidade visual do 5º Congresso de Psicanálise em Língua Portuguesa é do brasileiro pan-africanista Abdias Nascimento, conhecido como um dos maiores representantes da cultura negra no país e no mundo, que figura entre os líderes dos direitos humanos que lutaram contra a tutela colonial nos países africanos, ainda presente no século 20. Abdias intitulou sua obra de *Oxum no seu labirinto*.

Artista plástico, poeta, escritor, ator, dramaturgo, professor universitário, político e ativista dos direitos civis e humanos da população negra, Abdias Nascimento foi o criador do Teatro Experimental do Negro, do Museu de Arte Negra e do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-brasileiros (Ipeafro), que nos cedeu o uso de imagem. Abdias ficou por 13 anos exilado em razão do regime militar, de 1968 a 1981, tendo residido nos EUA e por um ano na Nigéria. Nos EUA foi professor emérito da Universidade do Estado de Nova York, além de ter sido professor da Universidade de Yale e também de línguas e literaturas africanas Ilé Ifé ([ver: https://pt.wikipedia.org/wiki/Abdias_do_Nascimento](https://pt.wikipedia.org/wiki/Abdias_do_Nascimento)). Retornou ao Brasil a partir da anistia aos exilados políticos. Abdias tem trabalhos belíssimos, não só imagens, mas textos contundentes e sensíveis. (W.M.C.F.C.)



Abdias Nascimento



Comissão de Infância e Adolescência cria Laços Virtuais

Joyce Goldstein (SPPA)
Rossana Nicoliello Pinho (SBPMG)

“Qualquer coisa que encoraje o crescimento de laços emocionais tem que servir contra as guerras.”

(Freud, 1932)

Por várias vezes lemos essa frase.

Por diversas vezes concordamos com essa afirmativa, mas não imaginávamos que hoje estariamos em uma espécie de “guerra”, mergulhados em incertezas e ameaçados de perder os laços com o mundo, com o outro e com a vida.

A chegada da Pandemia Covid-19 nos deu tempo curto para migrar o trabalho analítico do consultório para as nossas casas, refazendo o contrato com cada um de nossos analisandos, tão assustados como nós, analistas.

Equipados de tecnologia, acionamos rapidamente os laços virtuais, antes vistos por nós com certa desconfiança, e reorganizamos o cenário para receber nossos pacientes.

A casa-consultório encheu-se de palavras e de fantasias, mas ficou sem o espaço do brincar. As caixas/gavetas, os desenhos, as colagens, os personagens, as histórias ficaram na curva do tempo. E nos perguntamos: E nossas crianças? Onde estão?



Foto tirada pela menina G.G.N., 11 anos, durante sessão virtual

Na reapresentação desse novo espaço, um cenário inédito do setting terapêutico se instala: crianças com o celular nas mãos nos fazem adentrar na intimidade da casa, mostrando o que antes era enredo das brincadeiras e do nosso imaginário.

Nosso corpo, ainda que imóvel, passou a ter a dinâmica das andanças, circulando entre lugares, pais, babás, irmãos e por vezes em um canto qualquer.

Nossos olhares, hoje importante instrumento de nossa escuta, nos levam a visitar seus universos particulares. Na velocidade do giro pela casa, enxergamos o mundo da criança através da tela, que agora são seus olhos.

O que será que altera nosso olhar ao enxergarmos o mundo da criança através da tela? Nesse campo de sobressalto, percebemos os pais regredidos, invadidos toxicamente de

tarefas e notícias, buscando muitas vezes na intelectualidade a diminuição do medo.

Nosso papel como psicanalistas é promover a transformação do medo em palavras, recheadas de algum significado, reinventando um espaço lúdico e criativo, amenizando o sofrimento psíquico das crianças. Construir e manter um novo

setting com elas é também manter vivos laços e o pensamento e estarmos presentes como figuras de ancoragem nesse momento de tantas ameaças.

Mas não fiquemos só! Façamos laços entre nós!

Por esse motivo, a Comissão de Infância e Adolescência da FEBRAPSI criou o fórum de discussão Laços Virtuais, para troca de experiências das possíveis adaptações feitas, na tentativa de acolher a demanda das crianças, de seus pais e de nós, analistas.

Mesmo distantes, mas de mãos dadas, caminhamos nas vias de *Poética I*, esse mantra em versos do poeta Vinícius de Moraes. Ele nos orienta a seguir “passo por passo”, buscando existência onde há espaço, e nos convoca à esperança, dizendo que a atemporalidade sustenta nossos sonhos e que o nosso tempo, tão desejado, tem as cores do quando.

CONSELHOS, FEDERADAS E PRESIDENTES:

CONSELHO DIRETOR PROVISÓRIO

Presidente: Rosa Maria Carvalho Reis
Diretora Científica: Regina Pereira Klarmann
Diretor do Cons. Profissional: Carlos César Marques Frausino
Diretora Superintendente: Maria Teresa Silva Lopes

ADMINISTRAÇÃO

Gerente Administrativo Financeiro: Karel Ublo
Analista de Comunicação: Taís Maia
Secretária: Januária Amorim

REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

Editora: Marina Massi
Editora Associada: Leda Maria Codeço Barone

CONSELHO CIENTÍFICO

Diretora Provisória: Regina Pereira Klarmann
SBPSP: Silvana Rea
SPRJ: Mariangela Relvas
SBPRJ: Monica Maria Martins Aguiar;
SPPA: Maurício Marx e Silva
SPRPE: José Fernando de Santana Barros
SBPsb: Lúcia Eugênia Velloso Passarinho
SBPdePA: Christiane Vecchi da Paixão
SPPel: Bruno Salésio da Silva Francisco
SBPPR: Alexandre Martins de Mello
APERJ-Rio4: Rosa Maria Raposo de Almeida Albé
SPMS: Débora Alexandre de Jesus
SBPMG: Gisèle de Mattos Brito
SPFOR: Maria de Lourdes Negreiros Lima
GEPG: Maristela Nunes Pinheiro
GEPCampinas: José Carlos Veras di Migueli
GPC: Sérgio Seishim Kaio

Grupo de Estudos de Psicanálise de São José do Rio Preto e Região:
Elaine Tilelli Abbes

Grupo de Estudos Psicanalíticos de Santa Catarina:
Maria Carmelita Teixeira Gorski

DELEGADOS

Bernardo Tanis, José Martins Canelas Neto, Rosa Maria Carvalho Reis, Maria Emilia Moreira Barcellos, Ana Maria Sabrosa Gomes da Costa Nogueira, Wania Maria Coelho Ferreira Cidade, José Carlos Calich, Maria Cristina Garcia Vasconcellos, Alírio Torres Dantas Jr., Roberto Calil Jabur, Carlos de Almeida Vieira, Ane Marlise Port Rodrigues, Christine Marques Castro Vinhas, Graciela Hueuc Maldonado Loch, Silvana Maria Bonini Vassimon, Silvana Mara Lopes Andrade, Lindemberg Ribeiro Nunes Rocha, Rosa Maria Raposo de Almeida Albé, Miriam Catia Bonini Codorniz, Leila Tannous Guimarães, Edna Pires Guerra Tôrres, Thereza Cristina Paione Rezende, Regina Célia Cardoso Esteves, Petrônio Sá B. Magalhães Júnior, Luciane Guelli Gifford Carneiro, Maristela Nunes Pinheiro, Ronis Magdaleno Jr. Silva, Ana Maria Queiroz Guimarães Prott, Géo Marques Filho, Edna Romano Wallbach, Marly Terra Verdi, Osvaldo Luis Barison, Fábio Firmino Lopes, Anne Maria Pflüger.

PRESIDENTES DAS FEDERADAS

Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)
Bernardo Tanis
Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ)
Rosa Maria Carvalho Reis
Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ)
Ana Maria Sabrosa Gomes da Costa Nogueira
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA)
José Carlos Calich
Sociedade Psicanalítica de Recife (SPRPE)
Alírio Torres Dantas Jr.

Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb)
Roberto Calil Jabur

Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA)
Ane Marlise Port Rodrigues

Sociedade Psicanalítica de Pelotas (SPPel)
Christine Marques Castro Vinhas

Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP)
Silvana Maria Bonini Vassimon

Associação Psicanalítica do Estado do Rio de Janeiro (APERJ-Rio4)
Lindemberg Ribeiro Nunes Rocha

Sociedade Psicanalítica do Mato Grosso do Sul (SPMS)
Miriam Catia Bonini Codorniz

Sociedade Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais (SBPMG)
Edna Pires Guerra Tôrres

Sociedade Psicanalítica de Fortaleza (SPFOR)
Regina Célia Cardoso Esteves

Grupo de Estudos Psicanalíticos de Goiânia (GEPG)
Luciane Guelli Gifford Carneiro

Grupo de Estudos Psicanalíticos de Campinas (GEPCampinas)
Ronis Magdaleno Jr.

Grupo Psicanalítico de Curitiba (GPC)
Géo Marques Filho

Grupo de Estudos de Psicanálise de São José do Rio Preto e Região (GEP Rio Preto e Região)
Marly Terra Verdi

Grupo de Estudos Psicanalíticos de Santa Catarina (GEP-SC)
Fábio Firmino Lopes

NÚCLEOS PSICANALÍTICOS

Núcleo Psicanalítico de Maceió
Núcleo Psicanalítico de Florianópolis
Núcleo Psicanalítico do Espírito Santo
Núcleo Psicanalítico de Salvador
Núcleo de Psicanálise de Marília e Região
Núcleo de Psicanálise de Uberlândia



FEBRAPSI e federadas criam rede solidária no enfrentamento da pandemia

A Febrapsi e suas federadas formaram uma rede solidária nacional de enfrentamento à pandemia do coronavírus e as iniciativas permanecem beneficiando as populações abrangidas por estas federadas. Em março, ainda no início da crise instalada pela pandemia, algumas sociedades iniciaram ações solidárias e a Febrapsi incentivou as demais federadas a participarem do projeto Psicanálise Solidária, uma ampla frente de apoio à comunidade, para reduzir os impactos da pandemia na saúde mental da população.

Foram diversas as ações solidárias realizadas pelas Sociedades e Grupos, que mostram como as federadas se engajaram em várias frentes para amparar aqueles que estivessem em sofrimento agudo nesse momento de crise. Na maior parte das federadas psicanalistas passaram a oferecer atendimento on-line e gratuito a profissionais de saúde e à população em geral para dar uma escuta a todos que sentiam e sentem necessidade de falar de suas angústias, medos, apreensões diante da pandemia.

Também foram criadas rodas de conversa virtual para profissionais da saúde que estão na linha de frente no combate à covid-19, como espaço de acolhimento e de troca de experiências; ações voltadas ao trabalho com educadores; projetos que resultem no aprimoramento do processo de aprendizagem e na redução das dificuldades escolares de crianças em situações de vulnerabilidade; doações de cestas de alimentos para distribuir entre populações vulneráveis; doação de máscaras; entre outros.

Todas as ações solidárias realizadas pelas Sociedades e Grupos são divulgadas em vídeos nas redes sociais da FEBRAPSI e apresentadas por um representante de cada federada. Os vídeos podem ser vistos também no canal da FEBRAPSI no YouTube.

A FEBRAPSI e suas federadas entendem que é compromisso ético com o outro oferecer a psicanálise como importante instrumento de escuta, para dar suporte emocional às pessoas na travessia desse período crítico da pandemia. A preocupação também envolve as graves e imediatas consequências sociais a uma grande parcela da população já economicamente vulnerável: desempregados, trabalhadores informais e moradores de rua. Para minimizar esses impactos, a psicanálise participa de forma organizada de uma rede ampla de solidariedade à população.

**Bernard Miodownik**

Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ)

O laço pode ser agradável ou desagradável, desejado ou indesejado, bem-vindo ou imposto, reciproco ou unilateral. Inúmeras variações deste tema estão expressas numa infinidade de metáforas. Ele é um nó corredizo ao redor do meu pescoço. Ela é minha âncora. Ele ainda está amarrado à saia de sua mãe. Amigos se ligam por fios invisíveis.

(R. D. Laing, *O laço e o corte*).

Em janeiro deste ano, os diretores científicos das Sociedades e Grupos de Estudo filiados à FEBRAPSI escolheram “Laços: o Eu e o mundo” como tema do próximo Congresso Brasileiro de Psicanálise. Quem poderia prever que poucos meses depois o mundo, tal qual o conhecemos, se reconfiguraria a partir da pandemia? O Eu de cada um de nós e um Eu subjetivo da Cultura precisarão se inter-relacionar, entre si e com o mundo, em novas bases. Por ora, o importante é verificar que a pandemia mostrou os psicanalistas ultrapassando barreiras e mantendo a “chama acesa” através de uma inédita atividade por laços virtuais. São os “fios invisíveis” que nos garantem hoje os laços científicos, emocionais e afetivos que certamente envolverão o encontro no Congresso em Gramado (RS) em 2021.

A base teórica para a esc olha do tema foi o texto “Psicologia das massas e análise do Eu”, que em 2021 completará o centenário de publicação. Uma das leituras possíveis desse trabalho é vê-lo conjuntamente com o texto de 1920 “Além do princípio do prazer”, como novas elaborações de Freud – dentro da sua ótica da psicologia individual – sobre tempos de guerras prolongadas e insanias como a 1ª Guerra Mundial com uma destrutividade que se propaga em ondas de maré crescente. E, também, o que leva povos inteiros a aderirem de forma acrítica às mesmas insanidades que bloqueiam a capacidade reflexiva e liberam as demandas pulsionais primitivas, levando, frequentemente, à autodestruição.

O volume 14 das Edições Standard da obra de Freud mostra a prolífica produção de Freud no período da 1ª Guerra estabelecendo os fundamentos metapsicológicos da psicanálise. Estaria Freud – diante da

28º CONGRESSO
BRASILEIRO DE
PSICANÁLISE
LAÇOS: O EU E O MUNDO
8 a 11 SETEMBRO 2021
CENTRO DE EVENTOS DA FAURGS - GRAMADO RS - WWW.FEBRAPSI.ORG

FEBRA PSI
FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE
Sociedade de Psicanálise de Porto Alegre
Filial da International Psychoanalytical Association

SPPA
Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre

SPPel
Sociedade de Psicanálise de Pelotas

angústia de morte exacerbada pelo fato de três filhos e um genro estarem servindo o exército, além da presença de psicanalistas pioneiros no front da guerra – preocupado em deixar o seu testamento científico? Os trabalhos de 1920 e 1921 podem representar a oportunidade aberta pelo distanciamento daquele período, a fim de refletir sobre os anos precedentes de guerra. Acrescido ao fato de que, no pós-guerra, Freud também enfrentou uma pandemia, a gripe espanhola, que lhe deixou a marca dolorosa da perda de Sophie, sua filha mais nova.

Dois textos que não falam um ao outro no papel, mas tocam em aspectos complementares: o que não encontra ligação em “Além do princípio do prazer” e o que procura ligar em “Psicologia das massas”. Ambos falam de algo que Freud somente viria a desenvolver mais adiante em sua obra: os estados de desamparo. Destaco especialmente o desamparo diante de demandas pulsionais sem laços com representações psíquicas.

As percepções de Freud em “Psicologia das massas e análise do Eu” ajudam a compreender a adesão de grupos humanos ao estado de guerra ou a um regime monocrático de exaltação de um líder (ocorre também nas melhores democracias). Estados de desamparo causados por traumas indi-

viduais e mudanças sociais bruscas modificam os papéis definidos dos indivíduos. “Tudo que é sólido desmancha no ar”. Sujeitos que lidam de forma rígida consigo próprios ou com os outros, ou aqueles falsos-self, ficam “sem chão” e revivem desamparos primitivos, muitas vezes associados a desamparos socioeconômicos.

De uma forma resumida, provavelmente simplista, se pode dizer que os estados de desamparo revividos arrancam as pulsões das representações antes firmadas. Ou, trazem à superfície pulsões que jamais alcançaram representações e que permaneciam circulantes, em aparente silêncio, nos estados dissociados do psiquismo. Ao encontrarem líderes carismáticos que aglutinam irmãos em sofrimento, as pulsões a eles se ligam, reavendo, dessa forma, alguma representação psíquica vinculada através da identificação primária. Um laço.

Os grupos só persistem nesse tipo de vínculo enquanto são mantidos no estado regredido da identificação primária. Daí os ataques sistemáticos de lideranças autoritárias à curiosidade, ao pensamento e ao conhecimento que levam a ligações mais complexas e simbolizantes. Os laços fortes.

O texto é um contraponto ao desligamento de “Além do princípio do prazer”, este certamente marcado pela morte e destruição presenciada. Suponho que Freud possa ter se perguntado: por que os humanos continuam a buscar laços amorosos e a enfrentar todo tipo de intempérie para restabelecê-los e renová-los? O que quer Eros? Formar laços. Ainda que masoquistas, sádicos, impulsivos, de servidão voluntária. Mais que o amálgama do dualismo pulsional pode se pensar em estratégias de sobrevivência psíquica contra o vazio representacional.

A ênfase em “Psicologia das massas” na identificação “conhecida pela psicanálise como a manifestação mais precoce de uma ligação com outra pessoa” foi um dos pontos de partida sobre o que viria a seguir com as teorias das relações de objeto. O texto possibilita reflexões importantes na atualidade em que movimentos regressivos às identificações primárias adesivas e maniqueístas voltam a assombrar o mundo com sua carga de populismo, nacionalismo, xenofobia e segregacionismo.

Psicanálise, história e “uma infinidade de metáforas”. Haverá muito para debater no próximo Congresso Brasileiro de Psicanálise.

LAÇOS: o contador de histórias, o poeta e os psicanalistas pioneiros

Roberto Bittencourt Martins

Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro

Érico Veríssimo dizia ser “apenas um contador de histórias”. E Mário Quintana apontava: “ser poeta não é dizer grandes coisas, mas ter uma voz reconhecível dentre todas as outras”. Sobre a amizade, observava: “Amigo é a criatura que escuta todas as nossas coisas sem aquela cara que parece estar dizendo: *E eu com isso?*” Ambos mantiveram laços cordiais de amizade. Érico pediu a ele uma quadra para complementar a epígrafe do romance *O Resto é Silêncio*. Anos depois, Quintana escreveu uma *Carta-Poema* de saudação ao romancista que começa: “O nosso modo de ser que é tão nosso e por isso tão humano...”

Ao saber que os dois escritores seriam homenageados no 28º Congresso Brasileiro da Febrapsi, lembrei-me dos laços que os uniam aos psicanalistas pioneiros em terras gaúchas. Entre os papéis de meu pai, Mário Martins, guardávamos um cartão de Érico com bem-humoradas e ilustradas saudações por seu aniversário de 50 anos em 1958 – o qual foi comemorado com um almoço em que os psicanalistas festejavam com alegria também os recentes 53 anos do escritor, já obrigado a precaver-se da doença cardíaca.

Érico costumava receber os amigos em sua casa à noite e analistas como Paulo Guedes, Luís Carlos Meneghini e outros eram convivas frequentes. A literatura estava presente sempre na vida cotidiana daqueles psicanalistas e era fonte de muita satisfação. Meneghini escreveria depois *Freud e a Literatura*, seu primeiro livro. E Paulo Guedes, professor de Psiquiatria e de Música, além de poeta bissexto, como conta Meneghini em *À Sombra do Plátano*, liderava; um grupo de analistas, amigos médicos e jornalistas que se divertiam escrevendo e realizando pequenos atos humorísticos nos veraneios em Gramado. Ali, no teatrinho do Artesanato Gramadense de Elizabeth Rosenfeld (a escultora do Kikito), no palco

ou na plateia, participavam músicos, como a pianista Zuleika, esposa de Paulo, tocando peças clássicas e populares, e autores como Carlos Reverbel e Érico. Abro aqui um parêntese pois acredito seja um feliz acaso a realização deste Congresso em Gramado, lugar em que tantos viveram bons momentos. Como David Zimmermann, Santiago Wagner, Roberto Ribeiro e Mário Martins, num tempo em que a cidade não era ainda um gigantesco polo turístico.

Os laços de Mário Quintana são anteriores. Vindo de Alegrete para estudar em

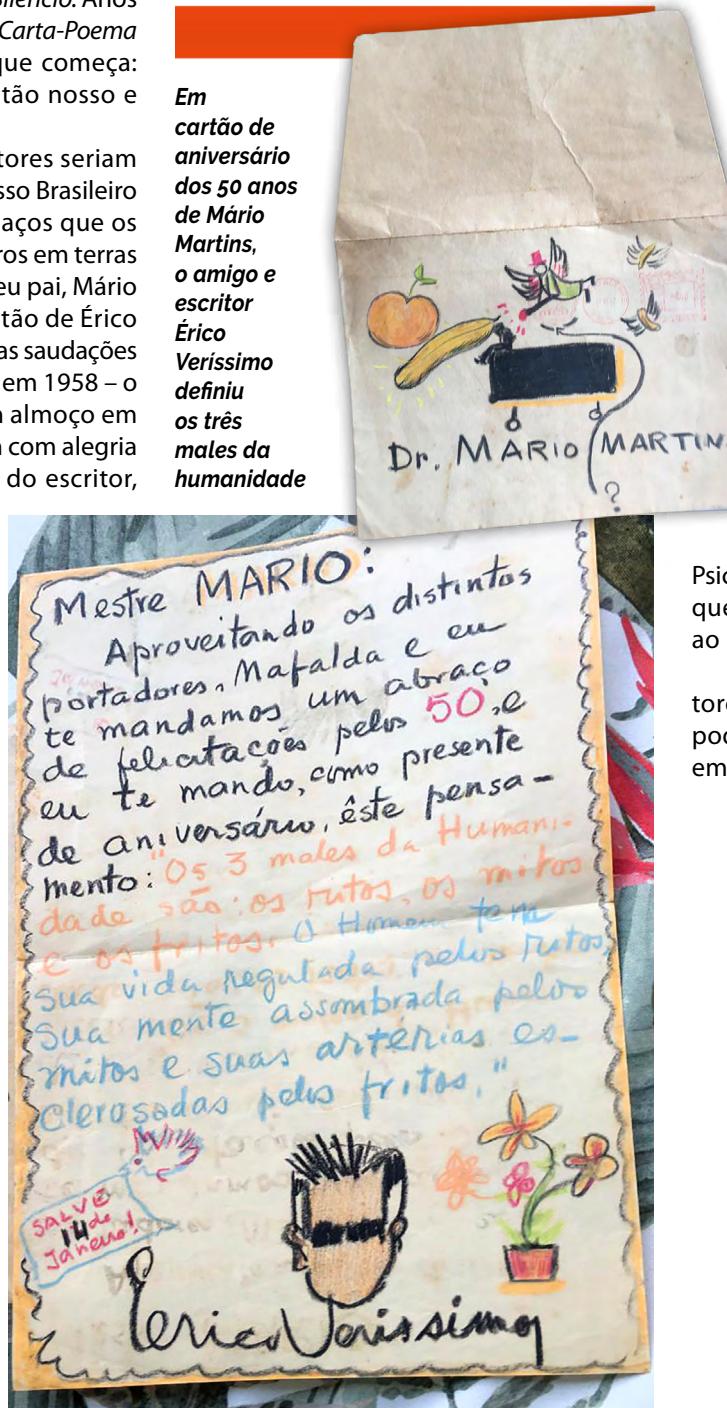
Porto Alegre, era parte de uma comunidade informal de estudantes oriundos do interior em busca dos cursos universitários de Porto Alegre, únicos no estado. Moravam em “repúblicas” ou pensões. Ali, foi companheiro dos futuros médicos Cyro Martins, Mário Martins, Lino Mello e Silva. Os dois primeiros fundariam mais tarde a primeira Sociedade Psicanalítica do estado e seriam fortes esteios na implantação da psicanálise no Brasil. Lino faria sua vida profissional no Rio de Janeiro, qualificando-se na primeira turma da SBPRJ. Quintana dedicaria a Lino um de seus mais notáveis sonetos: “A ciranda rodava no meio do mundo...”

O amor à literatura unia também os jovens estudantes, que seguiram com entusiasmo os reflexos literários da Semana de Arte Moderna. Mário fez versos, Lino escreveu contos – e Cyro uniu de maneira magistral o ofício de psicanalista com o de escritor, publicando 15 obras de ficção (contos, novelas, romances) desde *Campo Afora* (1934) até *Um Sorriso para o Destino* (1991) e outro tanto de ensaios, destacando o Humanismo Psicanalítico. Esses laços entre psicanálise e literatura foram prosseguidos por sua filha Maria Helena Martins, criadora do Centro de Estudos Literários e Psicanalíticos Cyro Martins, com realizações que vêm unindo escritores e psicanalistas ao longo desses anos.

Para terminar, dando voz aos dois escritores homenageados, algumas frases que poderiam repetir se estivessem presentes em nosso Congresso.

Quintana: – Sonhar é acordar-se para dentro.... A psicanálise? Uma das mais fascinantes modalidades do gênero policial, em que o detetive procura desvendar um crime que o próprio criminoso ignora.

Érico: – Odeio todas as formas de ditadura, inclusive as chamadas benignas ou paternalistas. Detesto qualquer forma de coação. A causa daqueles que lutam pela liberdade será sempre a minha causa. Não aceito como são e válido nenhum regime político e econômico que não tenha como base o respeito à pessoa humana.



À flor da pele

No dia 25 de maio deste ano, o mundo assistiu, estarrecido, à cena do assassinato do negro norte-americano George Floyd, na cidade de Minneapolis, nos Estados Unidos. O joelho do policial branco sobre o pescoço do homem negro, tática de imobilização difundida entre as polícias, por oito minutos e quarenta e seis segundos, levou-o à morte, sem a menor possibilidade de ser ouvido em seu clamor: "Não consigo respirar". Assistimos, estarrecidos, não somente ao ato de matar mas ao prazer sádico do policial ao cometer esse ato.

Como refere Simone Weil (*in Larrauri, 2011*), quando um ser humano se comporta diante de uma pessoa como se ela não fosse outro ser humano é porque, antecipadamente, a transformou em coisa. Transformar os seres humanos em coisas pode ser a consequência mais extrema do poder.

A frase do homem negro, "não consigo respirar", espalhou-se entre as comunidades negras norte-americanas e deu início a atos de revolta como não se viam há décadas, que se desdobraram em diversos países do mundo.

É possível que o tempo de agonia do negro e o prazer do policial branco tenham levado muitas pessoas a um estado de choque, petrificadas, sem capacidade de pensar ou mesmo de se mover. Um silêncio profundo talvez tenha tomado o lugar das palavras, fazendo com que elas se sentissem diante de um abismo aterrador. Algumas, ou muitas, podem ter ficado com medo de que, se dessem vazão ao choro, nunca mais parariam de chorar.

Essa condição traduz o que entendemos por trauma, palavra que vem do grego e significa ferida. De modo geral, o trauma se estabelece quando a intensidade de um acontecimento sobrepuja a capacidade do psiquismo de pensar, organizar e elaborar a experiência vivida. A situação traumática submerge o ego impotente, resultando no fracasso da tentativa de entendimento do próprio acontecimento e da capacidade para fazê-lo. Tal desorganização psíquica pode ser duradoura, acarretando prejuízos na continuidade do desenvolvimento do indivíduo.

O caráter disruptivo, desorganizador e imprevisível do trauma perpassa a obra de Freud desde os primórdios. Como afirma Michel Quinodoz (2007), o traumatismo não se deve à violência mecânica do choque, mas ao pavor e à sensação de uma ameaça vital.

Voltando ao assassinato do negro norte-americano, a imprensa corporativa brasileira atribuiu o fato ao racismo endógeno existente naquele país. Entretanto, nos assassinatos de negros por policiais no Brasil, essa mesma imprensa em geral divulga o fato como uma ocorrência de uma operação policial.

Os negros compõem a parcela de 13% da população norte-americana, enquanto, no Brasil, esse índice é de 56%, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad) Contínua do IBGE, de 2019. Apesar da grande diferença em termos demográficos e culturais, esses negros têm em comum a experiência de escravatura vivida por seus ancestrais. Eles foram caçados e arrancados de suas terras e levados a países que construíram poderio e riqueza sobre a exploração de seus corpos e de sua força de trabalho. Tiveram, assim, negada sua humanidade.

No Brasil, por trás de todo o racismo e preconceito dos que se supõem brancos, estão mais de 300 anos de escravatura. Excluídos da sociedade, os negros são expulsos para as periferias e favelas, onde vivem situações traumáticas cotidianamente, enfrentando ameaças de desumanização e de interrupção de seu futuro. Há que ficar alerta, há que saber distinguir, desde muito cedo, entre a batida ligeira das sandálias no chão e o som oco das botas correndo pelas vielas, entre o estrondo dos rojões e o estampido dos fuzis.

A morte está sempre à espreita. A necessidade de estar constantemente em guarda implica um imensurável dispêndio de energia, uma lenta drenagem da essência, como diz Ta-Nehisi Coates (2015) no livro, em forma de carta ao filho, *Entre o Mundo e Eu*.

A iminência do perigo e a vigília contínua cobram seu preço ao psiquismo do indivíduo: a mobilização da angústia, reação originária no estado de desamparo perante a separação e perda do objeto, e a potencialização do medo, que em princípio protege, mas venda os olhos e impede a ação.

Não bastassem a falta de condições básicas estruturais, a perseguição, o descaso e a invisibilidade em que vive a população negra e pobre nas favelas, paira agora mais uma ameaça concreta de morte: o novo coronavírus.

No nosso país, uma das nações com maior desigualdade do planeta, o novo coronavírus encontrou as condições propícias à sua propagação: habitações diminutas, com grande número de pessoas por metro quadrado, baixa imunidade, doenças e insalubridade, entre outras. Para agravar a situação trágica, a subestimação da força do vírus por governantes e parte da população o potencializou. O número de infectados e de mortos pela Covid-19 aumenta a cada dia, e o Brasil já ocupa o segundo lugar no ranking mundial, atrás apenas dos Estados Unidos.



Regina Esteves

Membro efetivo e didata da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza
estevesregina@yahoo.com.br

Nesse cenário, novamente é a população negra a mais vulnerável, já que, pelas condições econômicas e sociais impostas à maioria, tem menos possibilidades de cumprir o isolamento e enfrenta maior dificuldade no acesso a serviços de saúde. Afinal, como explicita Foucault, no livro *Em Defesa da Sociedade* (2002), o racismo efetua "um corte entre o que deve viver e o que deve morrer".

Não sabemos quando a pandemia terminará nem quando surgirá uma vacina. Não sabemos se o ser humano aprenderá com a experiência ou se nós voltaremos a levar a vida de antes e continuaremos nessa corrida consumista e destruidora do planeta. O escritor indígena e ativista ambiental Ailton Krenak, em *O Amanhã Não Está à Venda*, alerta: "O vírus não mata pássaros, ursos, nenhum outro ser, apenas humanos. Quem está em pânico são os povos humanos e seu mundo artificial, seu modo de funcionamento que entrou em crise".

Deveremos levar anos para nos reconstruir subjetivamente e coletivamente. Teremos de transformar o vivido em pensamento e em experiência, como afirma Janine Puget (1982). Qualquer tentativa de retorno imediato a uma vida dita normal que não leve em conta essa reconstrução carregará consigo o fantasma da iminência de uma nova pandemia. E viveremos com medo, como canta Belchior em sua canção *Pequeno Mapa do Tempo*: "Eu tenho medo e já aconteceu, eu tenho medo e inda está por vir".

Quem sabe possamos lidar com o medo apelando à nossa capacidade mental de sonhar, que nos torna infinitos. Quem sabe o confinamento físico favoreça o desconfinamento mental, como diz Edgard Morin. Quem sabe possamos nos irmanar a Mia Couto em sua carta ao escritor pernambucano Marcelino Freire, quando afirma: "No meu medo, Marcelino, muita coragem vai germinar".

Que sejamos contagiados pela bravura da escritora negra Carolina Maria de Jesus (1914-1977), que denunciava em seus escritos diários a dura rotina, ainda hoje atual, das mulheres nas favelas do Brasil: "Eu não tenho força física, mas minhas palavras ferem".

Que tenhamos sonhos e coragem! Que possamos respirar!

O traumático na pandemia: COVID e COVIDA

Acena de apoiadores de Jair Bolsonaro, no dia 13 de abril, em São Paulo, dançando em torno de um caixão, exigindo o fim do isolamento social, viralizou na internet. Millán-Astray, general fascista na Guerra Civil Espanhola, celebrizado por seu brado “Abajo la inteligencia, viva la muerte”, exultaria com a manifestação.

A macabra encenação me veio à cabeça assim que recebi o gentil convite para escrever um pequeno texto para o Febrapsi Notícias. Pouco antes acabara de ser anunciada a demissão do 2º ministro da Saúde, em menos de trinta dias, em plena pandemia, por não estar “afinado” com o governo federal. O Brasil já contabilizava, naquele momento, oficialmente, com uma curva de crescimento exponencial, 14.000 mortos pelo Covid-19. Em 15 de junho, já contávamos mais de 44.000 mortos. O Ministério da Saúde, pela primeira vez na história do Brasil, tem um general não médico como ministro. E o governo federal tentou impedir a divulgação diária do número de mortes desmentindo secretários estaduais de saúde.

Ataques do vírus, ataques políticos, ataques à vida. Angústias traumáticas: mortos e morte.

A pulsão de morte é o reino do traumático. A compulsão à repetição, os sonhos traumáticos e a resistência terapêutica negativa exigiram de Freud a postulação da pulsão de morte. O mais além do princípio do prazer, o mais originário do psíquico, insiste na repetição para que a angústia possa ser ligada e, só assim, representada.

Também o traumático é central na teoria ferenciana.

Para Ferenczi, o traumático não está no acontecimento em si mas na ausência do reconhecimento por parte de um outro que permita que a angústia indizível ganhe sentido. Caso não aconteça, há uma clivagem psíquica. Tratando-se de crianças, Ferenczi afirma que “esse medo, quando atinge seu ponto culminante, obriga-a a submeter-se automaticamente à vontade do agressor, a adivinhar o menor de seus desejos, a obedecer esquecendo-se de si mesma e a identificar-se totalmente com o agressor.” (Ferenczi, op cit, p.102) Também a culpa experimentada pelo adulto agressor seria introjetada pela criança. Mas o que acontece se a violência não é reconhecida e se o agressor não experimenta culpa, e, pelo contrário, goza sadicamente com a violência cometida?

O modelo ferenciano se aplica ao infantil do psiquismo humano. O traumático é o que não se inscreve na memória por não poder ter sido compartilhado como experiência permanecendo apenas como vivência individual.

Walter Benjamin recorre ao esquema freudiano de oposição entre os polos de percepção/consciência e de memória para

formular seus conceitos de experiência e vivência. A memória está relacionada com a experiência, enquanto a consciência liga-se à vivência, preparada para lidar com os estímulos do mundo moderno.

Em “O narrador”, Benjamin aponta a ausência total da experiência no fim da 1ª Guerra Mundial, quando os sobreviventes voltaram mudos das trincheiras. Não podiam transformar os horrores que vivenciaram em linguagem. A memória, que ajudaria a manter vivas as imagens da guerra e de seus mortos anônimos para que uma barbárie como essa não se repetisse, desapareceu.

A predominância da percepção-consciência e o declínio da memória, para Benjamin, estão ligados às mudanças aceleradas nas sociedades capitalistas modernas. Estas, baseadas na reprodução técnica teriam, segundo ele, duas possibilidades. De um lado, a experiência soviética que formaria um novo sujeito histórico na coletividade e o tornaria produtor nesta sociedade. De outro, o que Benjamin temia e acabou se concretizando: nazistas e fascistas moldando as massas para as suas finalidades através da estetização da política. O encantamento da sociedade com os avanços tecnológicos e a utilização da técnica pelos nazifascistas levaram a política ao caminho inexorável da espetacularização. A sociedade da alienação chega a levá-la a viver sua própria destruição como um prazer estético (Freitas, 2014).

As mortes anônimas

Valas comuns, enterros sem velórios ou despedidas. Assim têm sido as mortes pela Covid-19.

Para Benjamin, sem memória a ser cultivada, o ser humano moderno não deixa marcas. Assim, nem na morte é possível existir qualquer experiência compartilhada. Ao contrário da sociedade baseada na memória, que vê na morte lições de aprendizado e passagem de sabedoria, no mundo moderno, o fim da existência representa o esquecimento. Não é isso que parece alimentar a negação social das mortes pelos grupos fascistas? “Esquecer o passado, não fazer palanque sobre os cadáveres, olhar para a frente”?

Sema (do grego *sema*) é sinal, marca. Mas, seu significado em grego antigo é “túmulo”. Erguer um túmulo significa deixar uma espécie de “pegada”, uma marca, um rastro para que os mortos não sejam esquecidos e para que possamos fazer o luto.

Antígona lutou por dar um túmulo a Polinice. Assim também o fizeram as Mães da Praça de Maio, as Mães de Acari e tantas mulheres que diante da morte de seus filhos não aceitam que virem carniças ou corpos anônimos.



Liana Albernaz de Melo Bastos

Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro
lianambastos@globo.com

O rosto de mulher na luta contra a pandemia (Seben, Lima & Degani) é a cara do que temos pela frente. É na feminilidade que se abre a brecha (que coisa tão feminina) para emprestar sentidos de vida, estabelecer ligações (eróticas, por certo), acolher o outro (como gestar), respeitar a diversidade, alimentar a memória individual e coletiva.

Mas não basta ser mulher: Margaret Thatcher negando a sociedade na Inglaterra (“Não existe sociedade, só indivíduos e famílias”), Indira Gandhi assassinando sikhs na Índia, Leni Riefenstahl produzindo filmes enaltecedores do nazismo. Não é de gênero que se trata.

A feminilidade implica na aceitação da castração. Aceitá-la é saber-se mortal e falível. Só nos fazemos sujeitos em redes sociais de reconhecimento. A castração não está no corpo da mulher – embora ela a porte – mas na abertura narcísica ao outro que faz de nós, humanos, humanizados.

Contam que, perguntada sobre o que ela considerava ser o primeiro sinal de civilização numa cultura, Margaret Mead respondeu que era um fêmur quebrado e cicatrizado. No reino animal, se um indivíduo quebra a perna, morre. Não pode correr dos predadores, ir ao rio beber água ou caçar comida. Nenhum animal sobrevive com uma perna quebrada por tempo suficiente para cicatrizar. Um fêmur quebrado cicatrizado é evidência de que alguém cuidou até a recuperação. Ajudar alguém durante uma dificuldade é onde a civilização começa.

Se assim for, com o necessário pessimismo da força (Gastal), poderemos transformar o Covid em Covida.

REFERÊNCIAS:

- Benjamin, Walter (2012). *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense.
- Ferreira, Aurélio B.H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1ª edição.
- Ferenczi, S. (1992). *Obra Completa*, vol.V, p.102. São Paulo: Martins Fontes.
- Freitas, Tatiana M.G. (2014). Erfahrung e Erlebnis em Walter Benjamin. *Revista Garrafa*, Rio de Janeiro, n.33, janeiro-junho, p.72-87.
- Gastal, Maria Luiza (2020). Em clima da morte, o necessário pessimismo de força. *Observatório Psicanalítico*, 166, FEBRAPS.
- Seben, G., Lima, J., & Degani, R. (2020). A luta contra a pandemia tem rosto de mulher. *Observatório Psicanalítico*, 164, FEBRAPS.

O trauma dentro do trauma, um movimento espelhado na alma

Recentemente, ao amanhecer, talvez buscando um novo tempo em meio a uma pressão externa de recolhimentos e impedimentos, experimentei a amplitude do anseio de liberdade, ao respirar o ar fresco de um novo dia. Naquela semana, havia recebido uma notificação de que todos os moradores seriam obrigados a usar máscaras. Lembrei-me dessa imposição, fato esse que retirou parte do meu entusiasmo. No entanto, segui buscando algum sentido no que estava vivendo.

Mais à frente, vejo uma menina, com no máximo 6 anos, ainda de pijama, correndo e chorando, desesperadamente. Refreei com dificuldade, um movimento em sua direção, quando, então, ela se senta na calçada, me olha estranhamente, afinal, estava diante de uma mulher mascarada... Me aproximo, guardando a distância imposta. Sento-me e ela exclama: "estou muito mal, está chovendo muito!". Tentando acalmá-la, mostro-lhe que eram apenas pequeninas gotas. Neste instante, o pai surge correndo em sua direção. Ela, ao vê-lo, me mostra um brilho nos olhos, que não esqueço, enquanto, aumentando o tom de voz, quase gritando, lhe diz: "Oh pai, não estou nada bem". O pai, que nesse instante me pareceu gigante, toma-lhe nos braços, onde ela se aconchega, e os dois saem juntos, lentamente...

Continuei minha incursão, já que aquela cena ocupou a dimensão do que, anteriormente, chamei de anseio de liberdade.

O interesse inicial da Psicanálise, expresso desde os primeiros escritos de Freud, dirige-se aos sintomas histéricos, sob a influência de Charcot. Suas observações embasavam-se na hipótese de que o psiquismo se submete a um conflito advindo de movimentos pulsionais, gerando um transbordamento que se rende a uma interação complicada, em razão de exigências incompatíveis, à percepção pela consciência.

Ainda distante de um estudo mais aprofundado dos processos psíquicos, estava se encaminhando por uma via de transição inquieta, entre os trabalhos neurológicos e aqueles ditados pela agonia. Freud iniciava sua incursão.

No curso do desenvolvimento psíquico, experiências emocionais atuais provocam seu enfrentamento. Nessa investida, a angústia advinda diante do inusitado lança o necessário mergulho em direção à marca psíquica infantil, que chamamos de trauma.

Desta feita, nos referimos ao trauma secundário, quando a experiência subjetiva vivenciada nos primórdios psíquicos é reapresentada secundariamente.

Como nos diz Roussillon (2018): ... *le refoulement fut à l'origine d'une fixation qui a soustrait à l'évolution les motions pulsionnelles engagées* [...] a repressão estava na origem de uma fixação, que interfere na evolução dos movimentos pulsionais envolvidos].

Ainda seguindo Roussillon, esse ponto de fixação evoca um arcaico que atrai os conflitos atuais correspondentes, o que é denominado de repressão secundária. Por contingência, são reutilizados retalhos psíquicos que preenchem as lacunas do insuportável, frente aos eventos atuais, quando emergem organizações psíquicas paralelas, tornando ainda mais difícil a leitura da dor, quase sempre "mascarada".

Quando estamos em nossos consultórios, através da transferência, dentro de um espaço e um tempo "protegidos", temos a oportunidade de acompanhar as fagulhas de dores embrulhadas, desnudas ou perdidas. Ou, ainda, o negativo de estruturas clínicas, que se traduz na profunda falta de esperança no vínculo. O processo analítico luta diante da dificuldade de transformar o princípio de prazer/desprazer em princípio de realidade.

Nesse processo, frente à cegueira do reprimido, mas não da intensidade da dor, aos poucos, a dupla analítica se encaminha para a construção de uma realidade psíquica, minimamente necessária a uma realização alucinatória do desejo.

A experiência de uma dor partilhada, quando, anteriormente, permaneceu condenada ao cárcere, passa a encontrar modalidades de satisfações inconscientes, em meio ao retorno invasivo da experiência traumática disruptiva. Assim sendo, a ferida inserida na trama psíquica terá chance de criar a ilusão amorosa, base do processo simbólico.

Continuando Roussillon, *Em cours d'analyse le désir inconscient et refoulé est activé par le transfert et le dispositif psychanalytique, il infiltre de ses "rejetons" les chaînes associatives qui portent alors des formes métaphorisées de ceux-ci. C'est à partir de cette métaphorisation, des déplacements qu'elle engendre, que l'interprétation va chercher le moyen de rendre possible une réintégration secondaire du refoulé afin de lui permettre de déployer dans le transfert se enjeux actuels et historique, et de livrer les caractéristiques du contexte infantile des premier refoulement.* [No curso da análise o desejo inconsciente e reprimido é ativado pela transferência e pela técnica



**Maria de Fátima
Rebouças Malva**

Membro titular e didata da Sociedade de Psicanálise de Brasília e membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
fatima.malva@gmail.com

psicanalítica, quando reaparecem através das mais diversas formações inconscientes/ sintomas – aspectos do rejeitado, os *rejetons*. São as cadeias associativas que carregam, então, de forma metafórica, os aspectos rejeitados. É a partir dessa metaforização, dos deslocamentos gerados, que a interpretação vai buscar através do manejo transferencial uma reintegração secundária da experiência reprimida, a fim de permitir desdobramentos (e quem sabe, diferenciações) entre as questões atuais e as históricas, libertando as características do contexto infantil das primeiras repressões.]

Em larga escala, podemos observar que o tema do Narcisismo é inerente à teoria psicanalítica, desde seu início. Ousando minimizar um estudo de complexidade ímpar, podemos dizer que o termo Narcisismo Primário comporta duas vertentes:

– pulsão de vida revelada por instintos libidinosos narcísicos, transformados em elementos criativos de diferentes matizes; e

– pulsão de morte revelada através do masoquismo erógeno, expresso pela destrutividade, em quadros clínicos diversos.

Na esteira deslizante entre as Pulsões de Vida e de Morte, existe a tentativa de reencontrar o sentimento ao qual me refiro no início deste artigo, de *anseio de liberdade*.

Hoje, todos vivemos um ambiente traumático, que nos leva a revisitar as vicissitudes decorrentes do desamparo. Como nos diz Roussillon, a insistente presença de *rejetons* infiltrados nas nossas mentes, nas tentativas de entender e fazer algo que nos alivie, pode nos arrastar para vivências emocionais inundantes. Enquanto o desejo é o de sermos acolhidos por um grande pai que venha e nos ofereça um colo terno e seguro, nos sentimos transitando entre gotículas de chuva e tempestades torrenciais.

REFERÊNCIAS

Roussillon, René. (2018). *Agonie, clivage et symbolisation*. Imprimé em France par JOUVE, septembre 2018, n.277807B, pp.11-12.

O traumático e a pandemia

Era uma vez uma menininha chamada Giovana, que morava com seus pais em uma casa habitada por muitos Coronas, seres invisíveis e perigosos, que sempre tentavam atacar Sírgurd – seu mais recente amigo inseparável, um corvo negro, e Edgar – seu velho conhecido elefante azul de inabalável sorriso. Não havia crianças para ajudar Giovana em sua tarefa de evitar que os amigos sofressem uma morte horrível. Ela tem quatro anos e usa sua máscara de proteção facial com muita desenvoltura, mas não pode sair mais de casa, porque os Coronas também invadiram sua escola e seu parquinho. Assim Giovana fez uso de várias estratégias: primeiro achou que se os escondesse sob uma manta sua, velha e vermelha, eles poderiam ficar indetectáveis aos Coronas. Essa segurança foi passageira, mas ela dormia melhor deixando-os cobertos. Como ela aprendeu a lavar muito bem as mãos pensou também que se eles lavassem as patas poderiam ser ajudados, e assim o fez – ambos foram lavados e postos ao sol. Mostrando a persistência de sua angústia ela concebeu uma pomada mágica que chamou de Coronacida, que passava com as mãos em seus amigos, comemorando a morte dos Coronas que ela via estarem caindo mortos sobre a cama. Inútil discutir o que essa bruxinha sabia ou não, em sua idade o saber de si e do mundo conta com uma especial sensibilidade ao reduto familiar, ao recurso a práticas mágicas de injunção e cura, que sustentam o pensamento anímico do vodu, e a empatia extensa aos objetos transicionais. Seus sintomas ritualísticos, leves e transitórios, remitiram. Como, quando, ou se ressurgirão, será outra história. Quantas meninhas terão a mesma sorte em lidar com essas marcas do seu tempo?

Permaneço em isolamento social e as notícias me chegam de todos os lados, mais do que consigo processar. Como estamos sendo cuidados em nosso meio? Números crescentes de casos e óbitos se chocam com o intuído das subnotificações, a politização de um medicamento disfarça a falta de rumo e a mediocridade dos agentes públicos em garantir proteção e acesso digno à saúde a uma população geralmente concebida como massa inculta, descartável depois de satisfeitos os interesses eleitoreiros. Alguma novidade nisso, décadas sobre décadas? Esse saber tão próximo à impotência da infância não ameniza a angústia, cada número fatal representa uma pessoa em sua rede familiar e de convivência. Uma crise sanitária dessa dimensão, enlaçada a uma crise política, aprofundando a crise econômica e social – é muita dor para absorver.

O discurso das autoridades responsáveis nos chega como inspiração histérica para que uma cortina de fumaça seja pactuada, para encobrir a cisão entre a completa falta de sentido que atribuímos a eventos que têm consequências terríveis, e a ansiedade catastrófica, cuja importância deve ser completamente negada, embora a estejamos vivenciando intensamente em nossas expectativas diárias infiltradas da onipresença da morte.

Percebo minha dificuldade em estimar a extensão do luto a essas gerações em que me insiro, e a palavra pandemia reduz o irrepresentável em minha mente a algo que eu entendo como traumático.

O foco viral em todos os continentes, a rapidez do contágio, velórios sem abraços, o impacto triplice em saúde, educação e renda, inferem a catástrofe do século, em proporções imensuráveis. A noção de trauma psíquico se aplica a esse parcial entendimento do que me assombra, no avanço da Covid-19.

O conceito de trauma está diretamente relacionado a acontecimentos invasivos que têm como consequência o prejuízo físico e psíquico. Seu conceito está entrelaçado com a medicina e os estudos sobre a histeria. Freud introduziu a relevância do trauma na histeria em 1893, no artigo "Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: Uma conferência", definindo como um trauma psíquico a toda experiência ou impressão que o sistema nervoso não consegue abolir por meio do pensamento associativo ou por uma reação motora, aproximando cada vez mais o termo a um terror consequente à atividade psíquica.

Os fenômenos traumáticos, como fatores desencadeantes de sintomas psicopatológicos, receberam atenção tardia, seguindo a polarização entre a causação psicológica ou a genético-constitucional, mas ao admitirmos a relação desses modelos com os fatores ambientais externos, nos permitimos considerar sua importância na constituição das patologias e comportamentos humanos. A valoração do trauma, contudo, permite a negociação ambivalente e política de sua relação causal. A amnésia que recobre o trauma costuma ser revelada por um novo trauma que precisa ser maior ou mais generalizado, criando um novo ciclo de negação. As histórias das guerras, dos genocídios, das pestes, dos cataclismos, são mais difíceis de



Lenita Osorio Araújo
Membro efetivo e analista didata
da Sociedade Psicanalítica de
Mato Grosso do Sul
lenarj@terra.com.br

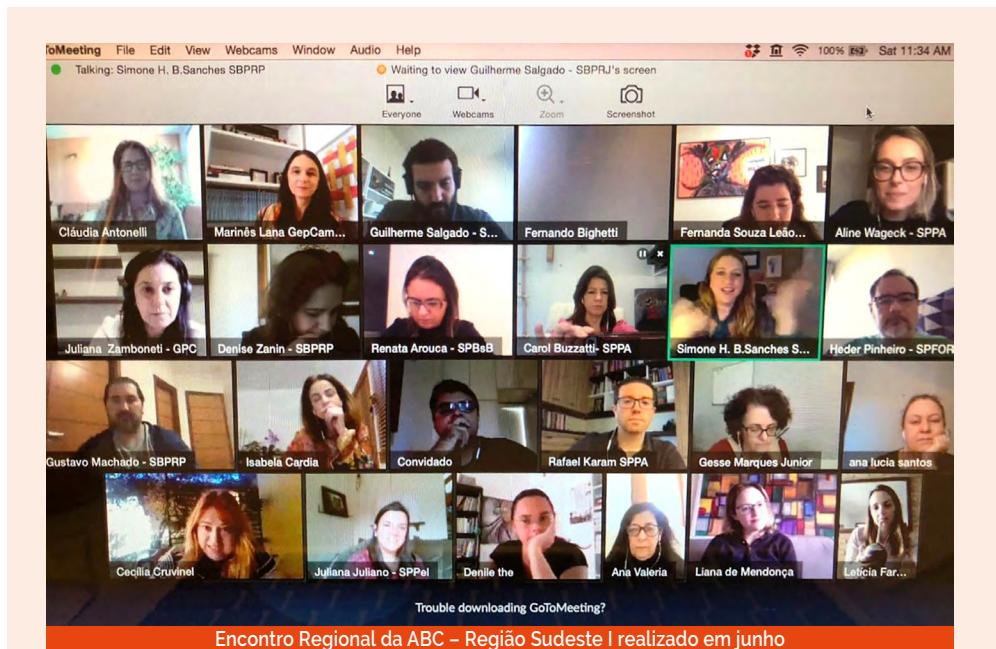
serem negadas, ou toleradas, como a opressão exercida sobre segmentos da sociedade, reveladas na síndrome da criança espancada, nos estupros, na violência doméstica física e sexual, na pobreza extrema.

Considerando a função primária da dissociação como uma resposta de proteção ao trauma, fomos integrando na atualidade o fenômeno dissociativo da consciência, tão caros a Freud e Janet, e a observação clínica tendeu o peso para a equivalência das fantasias intrapsíquicas e dos fatos reais na patogênese dos transtornos dissociativos, admitindo a centralidade do trauma na etiologia. Fenômenos dissociativos menores, como a hipnose da autoestrada, sentimentos transitórios de estranheza ou de sair do ar, são os mais comumente referidos, assim como a dificuldade de concentrar a atenção e os esquecimentos resultantes na rotina cotidiana. Essa evolução justifica nossa atenção para a relevância dos sintomas dissociativos que compõem o quadro dos transtornos de estresse pós-traumático ou de estresse agudo, híbridos entre os demais transtornos de ansiedade e associados a diversos graus de depressão, que despontam nesse momento como situações de risco para a saúde mental da população envolvida com os cuidados dessa misteriosa doença.

Não sabemos o que virá na esteira dessa pandemia, quais transformações nos serão benéficas ou o que nunca mais poderemos recuperar, mas a lógica narcísica que nos esmaga anima a reflexão sobre a persistência da angústia de morte nos seres humanos que acreditam ser a única espécie que tem a inelutável consciência de sua própria finitude, fazendo disso um elemento existencial de enorme relevância em sua economia psíquica. Em antítese, o impulso da vida em se contrapor a esse destino de morte, tanto em ativa revolta, submissa aceitação ou superação maníaca, é também outra força perseverante que se alia ao desejo de transcender a finitude biológica e negar a finalidade banal e anônima do existir humano.



FEBRAPSI incrementa comunicação digital para aproximar a psicanálise da população



ABC: navegando e sonhando em tempos de nevoeiro

*"O doutor suspendeu a escrita.
A resposta, sem dúvida o
surpreendera. Já Dona Serafina
aproveitava o momento: Está a ver,
doutor? Está a ver? O médico voltou a
erguer os olhos e a enfrentar o miúdo:
- E o que fazes quando te assaltam
essas dores?
- O que melhor sei fazer, excelência.
- E o que é?
- É sonhar."*

Mia Couto
O fio de missangas.

Em 01 de janeiro, data em que nosso grupo assumiu formalmente a Diretoria da Associação Brasileira de Candidatos, trazíamos em cada um de nós o verdadeiro desejo de realizar um trabalho fértil, comprometido e que pudesse seguir promovendo o crescimento de nossa ABC. Praticamente concomitante a nós, eclodiu uma pandemia mundial de proporções inéditas, a qual nos convocou a readaptações intensas e imediatas.

Na esteira do trecho de Mia Couto, nos pusemos como grupo a (re)sonhar e redefinir rotas. Frustrados com o cancelamento de nossa já preparada cerimônia de posse, a qual ocorreria dia 15 de março, fortalecemos-nos como Diretoria,

aproximamo-nos de nossos Conselheiros e Representantes ABC e definimos um novo formato de trabalho para este primeiro ano de gestão: atividades on-line, acompanhando o movimento de outras organizações representativas.

Desde então, em pouco mais de seis meses de gestão, realizamos os Fóruns Virtuais de Candidatos (regionais), o I Fórum Nacional ABC, o I Fórum Psicanálise e Política e o ABC Cultural – Arte e Psicanálise, contando com associados de todo país, reforçando os dois pilares de nossa chapa: a representatividade e o pertencimento. No dia 20 de junho, tivemos o início da bem estabelecida atividade de nosso calendário, o Encontro Regional, iniciado pela região Sudeste I, o qual teve uma adesão importante, sublinhando a força do coletivo em espaços que promovam o pensar, sobretudo em um momento como o que vivemos.

Paulinho da Viola, sabiamente, cantou: *Faça como um velho marinheiro/ Que durante o nevoeiro/ Leva o barco devagar.* E assim, levamos nosso barco ABC, com atenção, prudência, dedicação absoluta. Sempre avante e juntos!

Seguimos o trabalho confiantes de dias melhores em que todos estaremos reunidos novamente. Até lá, cuidemo-nos!

Diretoria ABC

A necessidade de isolamento social decorrente da pandemia do novo coronavírus proporcionou um fenômeno até então impensável na prática psicanalítica. Com a quarentena, a comunidade psicanalítica viu-se diante do desafio de ampliar o que eram casos pontuais de atendimento psicanalítico à distância e migrar sua prática analítica diária para o consultório virtual.

O uso das tecnologias digitais também proporcionou um forte incremento nas interações dentro da comunidade psicanalítica, como também intensificou a comunicação de psicanalistas com o público em geral. Desde o início da pandemia, a FEBRAPSI vem estimulando e desenvolvendo campanhas envolvendo seus membros e também direcionadas à população, buscando promover diálogos com variados públicos, que possam ajudar a enfrentar os desafios impostos pelos novos tempos.

A FEBRAPSI lançou no final de março uma série de vídeos e textos divulgados regularmente em suas redes sociais, com reflexões de psicanalistas membros sobre a crise e os desafios trazidos pela pandemia. A série "Pense conosco e não saia de casa" contou com a participação dos psicanalistas Leopold Nosek (SBPSP), Wilson Amendoeira (SBPRJ), Luciane Carneiro (GEPG) e Celso Gutfreind (SBPdePA), que gravaram vídeos, além de textos de Bernard Miodownik (SBPRJ), Hemerson Mendes (SPPel), Avelino Neto (SPBsb), Fátima Chavarelli (SPMS), Carlos Vieira (SPBsb), Gley Costa (SBPdePA), Susana Kuras (APdeBA) e Adriana Rapeli (SBPSP).

Além das reflexões psicanalíticas e a campanha Psicanálise Solidária, também divulgada nas redes sociais (ver página 5), a FEBRAPSI disponibilizou em seu canal no YouTube videoconferência sobre atendimento psicanalítico on-line, com os psicanalistas Sergio Nick (SBPRJ), vice-presidente da IPA; Beth Cimenti (SPPA) e Plínio Montagna (SBPSP), com coordenação do então presidente da FEBRAPSI, Wagner Vidille, e colaboração da ex-diretora de Publicações e Divulgação, Cláudia Carneiro. O debate aborda ideias sobre a efetividade da técnica, as implicações da análise não presencial e as experiências pessoais dos psicanalistas convidados. Acesse aqui: https://youtu.be/_ckN-A_PoDs



Campanha lançada nas redes sociais



FEBRAPSI e Sociedades do Sul fazem lançamento on-line do 28º Congresso Brasileiro de Psicanálise



**28º CONGRESSO
BRASILEIRO DE
PSICANÁLISE**

LAÇOS: O EU E O MUNDO

8 a 11 SETEMBRO 2021

CENTRO DE EVENTOS DA FAURGS - GRAMADO RS - WWW.FEBRAPSI.ORG

**LANÇAMENTO
28º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE
10 DE JULHO**

PROGRAMAÇÃO

18h30

Sessão de Abertura

Rosa Reis - Presidente da FEBRAPSI (interina)

Aline Wageck - Presidente da ABC

Christine Marques Castro Vinhas - Presidente da SPPel

José Carlos Calich - Presidente da SPPA

Ane Marlise Port Rodrigues - Presidente da SBPdePA

19h00

Diretores Científicos

Regina Pereira Klarmann - FEBRAPSI (interina)

Bruno Salésio da Silva Francisco - SPPel

Maurício Marx e Silva - SPPA

Christiane Vecchi da Paixão - SBPdePA

Inscrições clique aqui



SOCIEDADE
BRASILEIRA DE
PSICANÁLISE
DE PORTO ALEGRE



O 28º Congresso Brasileiro de Psicanálise será lançado na sexta-feira 10 de julho, em evento on-line, com transmissão pelo Youtube e a participação do Conselho Diretor interino da FEBRAPSI e dos presidentes e diretores científicos das federadas anfitriãs do Congresso – Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA), Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA) e Sociedade Psicanalítica de Pelotas (SPPel).

Anteriormente previsto para ocorrer em 20 de março, em Porto Alegre, o lançamento do Congresso teve de ser cancelado em razão da pandemia do coronavírus. A organização manteve a programação original (veja abaixo). “Queremos com esse encontro trocar ideias e plantar as sementes de frutos que poderemos colher no próximo ano”, afirmou a diretora científica interina da FEBRAPSI, Regina Klarmann. Até a quarta-feira 08/07, o evento já contava com 400 inscritos. A FEBRAPSI receberá inscrições até as 10h do dia do evento.